

# O buraco da agulha

••• Quantos buracos herdou Jorge Sampaio ao sereleito presidente de Lisboa e quantos lhe ficarão por tapar na altura das eleições legislativas?

O poeta Gomes Leal, nos tempos em que andava por Lisboa, de diabo pela trela, chamava a esta cidade «a musa do asfalto» e, veja-se só, não tropeçava em labirintos de má-fé como o do Plano Gertrude nemesbarravanos espaçossagrados da corrupção que hoje dominam o trânsito da capital. Era uma época em que os comerciantes não marcavam lugar para arrumar o carro à porta da loja com caixotes, mesmo à vista do polícia de serviço. Uma cidade onde o dinâmico industrial não ocupava 24 horas por dia a via pública com a sua frota de camiões pesados, como acontece há vinte anos na Rua Nova do Loureiro. Onde, enfim, não havia multas de estacionamento e se as havia não serviam de compensação à corrupção bairrista.

Só quem tem carro é que se

queixa destes somenos, porque quem não tem anda de táxi e aí toda a cidade é sua: pode aprear-se e estacionar onde e o tempo que quiser que não há polícia que dê por nada. Se tiver sorte poderá, até, encontrar como motorista um guarda da PSP que, fora das horas de serviço, pratica o volante, o taxímetro e a gorgeta.

É a história, a herança e a contabilidade destes malefícios que é urgente dar a conhecer para que o rosto da cidade fique bem claro aos olhos do próximo eleitor. A Lisboa autárquica vai ser, já se sabe, uma pedra violenta da guerra das legislativas e o cidadão em trânsito eleitoral, assaltado por discursos de desmemória manipulada, corre o risco de se perder numa floresta de buracos tapados por lápides de inaugurações.



## A MOSCA

*José Cardoso Pires*